

A PROVA DO ENEM COMO UM SISTEMA AVALIATIVO COMPLEXO: A DESESTABILIZAÇÃO DE UM PARADIGMA

Valdir SILVA

Amilton FLÁVIO

Cristiane Pereira dos SANTOS

Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT - MT

Everything should be as simple as possible, but not simpler.

Albert Einstein

O século XXI será o século da complexidade

Stephen Hawking

Resumo: O presente artigo foi desenvolvido a partir de estudos e pesquisas na disciplina de Introdução à Linguística Aplicada, (I.L.A) na perspectiva do Caos/Complexidade, no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT. Tomamos para o presente trabalho a prova do ENEM como um sistema de avaliação nacional circunscrito numa perspectiva de complexidade no funcionamento discursivo das perguntas objetivas, bem como a redação (parte dissertativa). Dessa forma, dada a importância desse Programa para a nação, propomos pelas análises uma discussão, visando uma possível resignificação quanto à maneira de se pensar o modelo de avaliação proposto pelo Exame do ENEM, enquanto instrumento avaliador e quantificador das competências dos alunos. Nesse sentido, pensá-lo como processo avaliativo e dada sua complexidade nas questões objetivas e redação, bem como em termos de língua, é, portanto, reconhecer a competência discursiva nas atividades de leitura e escrita, pois escrever um texto é uma atividade que requer informações, isto é, conhecimento sobre o objeto sobre o qual se dissertará, bem como conhecimentos linguísticos.

Palavras-chave: Linguística Aplicada. Enem. Complexidade.

PROOF OF ENEM AS A COMPLEX SYSTEM EVALUATION: THE DESTABILIZATION OF A PARADIGM

Abstract: This article was developed from studies and research in an Introduction to Applied Linguistics (ILA) in view of Chaos / Complexity in Graduate Program in Linguistics at the

University of the State of Mato Grosso - UNEMAT . We take for this paper proof of ESMS as a national assessment system circumscribed perspective of complexity in the discursive operation of objective questions as well as essay (Essay part). Thus, given the importance of this program for the nation, we propose for the analysis, a discussion with a view to reframing the way of thinking about the evaluation model proposed by Exam ENEM while evaluator tool quantifier and the skills of students. In that sense, think of it as evaluative process and given its complexity in the objective and essay questions, as well as in terms of language, is therefore recognize the discursive competence in reading and writing activities, because writing a text is an activity that requires information, i.e., knowledge about the object on which will discourse and linguistic knowledge.

Keywords: Applied Linguistics. Enem. Complexity.

PRUEBA DE ENEM COMO SISTEMA COMPLEJO EVALUACIÓN: LA DESESTABILIZACIÓN DE UN PARADIGMA

Resumen: Este artículo ha sido desarrollado a partir de estudios e investigaciones en una Introducción a la Lingüística Aplicada (ILA) en vista del caos / Complejidad en el Postgrado en Lingüística de la Universidad del Estado de Mato Grosso - UNEMAT . Tomamos para este papel a prueba de ESMS como un sistema nacional de evaluación circunscrito perspectiva de la complejidad en la operación discursiva de preguntas objetivas, así como el ensayo (parte Ensayo). Por lo tanto, dada la importancia de este programa para el país, se propone para el análisis, la discusión con miras a la reformulación de la forma de pensar sobre el modelo de evaluación propuesto por ENEM examen mientras cuantificador herramienta evaluador y las habilidades de los estudiantes. En ese sentido, pensar en ella como proceso evaluativo y dada su complejidad en las preguntas objetivas y de ensayo, así como en términos de lenguaje, por lo tanto reconoce la competencia discursiva en las actividades de lectura y escritura, ya que al escribir un texto es una actividad que requiere información, es decir, el conocimiento sobre el objeto sobre el que dissertará y conocimientos lingüísticos.

Palabras clave: Applied Linguistics. Enem. Complejidad.

INTRODUÇÃO

O ENEM, Exame Nacional do Ensino Médio, é uma prova aplicada anualmente pelo MEC/INEP¹ em todo o Brasil, com o objetivo de avaliar competências e habilidades dos estudantes na última etapa de ensino. Desde sua primeira edição, em 1998, o exame tem crescido significativamente, e tal repercussão se deu, principalmente, pelas múltiplas possibilidades que o candidato possui para ingressar no ensino superior, uma vez que um

1 Ministério da Educação e Cultura/ Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais.

grande número de Faculdades e Universidades públicas, privadas e federais adotou o ENEM como mecanismo de avaliação e de seleção para o ensino superior. Entre outras repercussões, tal fato torna-o um importante e legítimo instrumento de avaliação, conforme afirma o próprio Documento Básico do ENEM.

Trazemos para a reflexão nesse primeiro instante, a amplitude e repercussão do ENEM como instrumento que avalia/quantifica uma etapa de ensino. Nesse sentido, interessa-nos descrever brevemente o percurso histórico do ENEM no intuito de apresentar dados que nos façam refletir sobre o seu crescimento e que precisam ser investigados.

Em sua primeira edição, em 1998, o ENEM contou com um número aproximado de 157,2 mil inscritos e, após três anos, em sua 4ª edição, alcançava um número expressivo de 1,6 milhões de participantes. De acordo com dados do Documento Básico, disponibilizado no site do ENEM/INEP, a explicação para o grande avanço no número de participantes se deu, sobretudo, pela isenção do pagamento da taxa de inscrição para os alunos das escolas pública. Por outro lado, conforme o próprio MEC, a aceitação e apoio das Secretarias Estaduais de Educação, das escolas de ensino médio e das instituições de ensino superior (IES) constituíram um fator decisivo para o crescimento e repercussão do Exame (LEAL, 2011).

Diante do exposto, cabe-nos ressaltar que a popularização e consolidação definitiva do ENEM ocorreu em 2004 quando o Ministério da Educação (MEC) instituiu o Programa Universidade para Todos (ProUni²), que passou a conceder bolsas de estudos a alunos de todo o país em Instituições de Ensino Superior. Com tal fato, no ano seguinte o ENEM já alcançava uma marca expressiva de 3 milhões de inscritos e, em 2006 estabeleceu novo recorde com 3,7 milhões de participantes. Em 2011 contabilizou-se uma marca histórica, com um número recorde de 5,3 milhões de inscritos, e na edição de 2013 o recorde foi ainda mais expressivo, contabilizando cerca de 7,8 milhões de inscritos (LEAL, 2011). Esses dados são de suma importância para compreendermos como se deu tamanha mobilização, crescimento e

2 1 O ProUni foi criado em 2004, pela Lei nº 11.096/2005, e tem como finalidade a concessão de bolsas de estudos integrais e parciais a estudantes de cursos de graduação e de cursos sequenciais de formação específica, em instituições privadas de educação superior. Disponível em: www.inep.gov.br/enem

repercussão deste Exame, bem como a aceitação em muitas universidades do país, adotando-o como forma de seleção de candidatos ao ensino superior.

Apresentaremos, a seguir, uma reflexão do Exame Nacional à luz da teoria do Caos/complexidade, uma vez que, devido às críticas midiáticas sobre esse modelo de avaliação, acreditamos que tal Exame merece, mais uma vez, ser objeto de reflexão e análise, agora com um novo olhar: o da teoria caos/complexidade.

1. REFLEXÕES SOBRE CAOS/COMPLEXIDADE

É nesse contexto de atualidade que traçaremos um percurso de discussão acerca do acontecimento do ENEM para o século XIX, o século da complexidade³, conforme defende Stephen Hawking, na epígrafe deste trabalho.

Gostaríamos de começar este artigo rememorando a afirmação de Hawking (s/d) e as considerações de Rajagopalan (2006) quando este discute sobre a necessidade de repensar o papel da Linguística Aplicada (LA), rompendo com a própria história que a construiu e avançando, portanto, na construção de formas de conhecimento inovadoras. Temos aqui a desestabilização de um modelo, que rompe com o tradicional, e a busca da formação de outro, dentro do contexto da globalização⁴. Em outras palavras, diríamos que o rompimento desse tradicional culminaria em algo singular, novo.

Gleick (2000) nos afirma que, *onde começa o caos, a ciência clássica para, porque esta trabalha com a certeza, a estabilidade e, além de tudo, é determinista*. Por outro lado, o caos, lida com o indeterminismo, com as incertezas e com as probabilidades. E é nesse jogo movediço e improvável que construiremos este trabalho.

Dessa forma, nesta escrita interessa-nos refletir sobre o processo avaliativo do ENEM como um sistema complexo, pois a partir da ciência da complexidade se reconhece a

3 O termo aqui empregado não tem o sentido de confusão e/ou complicação, mas como uma Ciência que estuda a não-linearidade, a imprevisibilidade e o caótico dentro de um sistema complexo avaliativo, conforme SILVA (2008).

4 Tomamos o termo Globalização para referirmos a acontecimentos da atualidade. Neste caso específico o ENEM.

necessidade de uma visão mais ampla e, portanto, mais profunda e sistemática do sistema avaliativo educacional. Em outras palavras, é preciso deixar a visão simplista/literal e olhar com outros olhos, colocando-se como um problematizador desse sistema, cuja complexidade, está sempre sujeito a falhas.

Para isso, tomaremos para a presente discussão e desenvolvimento deste trabalho o conceito de caos/complexidade na perspectiva de Gleick (2000) e Silva (2008), em que este último afirma que o caos surge nas condições do **tempo**, isto é, observando as condições iniciais e as consequências destas no tempo é que se inicia o desenvolvimento da Teoria do Caos. Diante do exposto, nosso intuito se baseia, necessariamente, na tentativa de propormos uma reflexão e possível ressignificação sobre o contexto do processo avaliativo do ENEM e as profundas implicações no fator *tempo*, uma vez que este é algo de extrema importância em nosso dia-a-dia e, fundamentalmente, decisivo quando se trata de produzir conhecimento.

Na perspectiva do caos/complexidade, Vieira (2009), afirma que pequenas mudanças podem resultar em grandes diferenças, isto é, uma mudança qualquer pode trazer consequências futuras, uma vez que tudo está intimamente ligado numa cadeia de causa e efeito. Nesse sentido, tomaremos a ideia de complexidade/caos numa perspectiva de compreender a realidade que nos rodeia, ou seja, trazer uma nova visão de mundo: um mundo em constante transformação.

O que nos interessa nessa instância é considerar que *o Caos pressupõe uma certa ordem*, na qual a intervenção de qualquer variável tende a uma desordem. Posto isso, concordamos com Waldrop (1992) quando diz que *a complexidade só pode existir se tanto a ordem quanto a desordem estiverem presentes em um sistema*, ou seja, na ordem há sempre uma desordem e na desordem há sempre uma ordem. Dito de outra forma, a ordem sempre tende a uma desordem que tende a uma ordem novamente. É nesse contexto de não linearidade, não fixidez e turbulência que desenvolveremos esta pesquisa.

2. O ENEM COMO UM SISTEMA AVALIATIVO COMPLEXO

A materialidade dessa investigação se encontra na PORTARIA Nº 109, DE 27 DE MAIO DE 2009, que trata das mudanças ocorridas na prova do ENEM, mais especificamente, o artigo 13 desta Portaria, que diz:

O exame constituir-se-á em 4 (quatro) provas, contendo 45 (quarenta e cinco) questões objetivas de múltipla escolha, versando sobre as várias áreas de conhecimento em que se organizam as atividades pedagógicas da Educação Básica no Brasil e uma proposta para redação.

O ENEM, desde que fora instituído pelo INEP/MEC⁵ em 1998, contava com o número de 63 (sessenta e três) questões objetivas/assertivas, mais a parte dissertativa (redação), na qual o participante dispunha de 5h para a realização total da prova. Sendo assim, temos o seguinte gráfico:

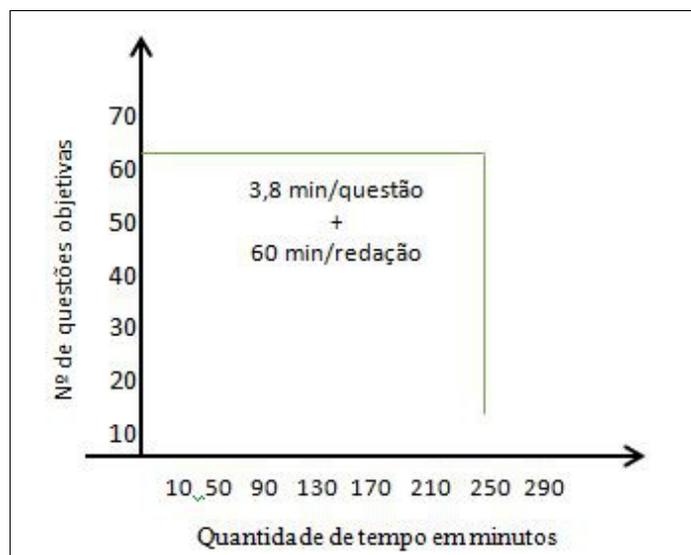


Gráfico 1: Exemplicação do tempo destinado à resolução de cada questão

5 Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/ Ministério da Educação e Cultura.

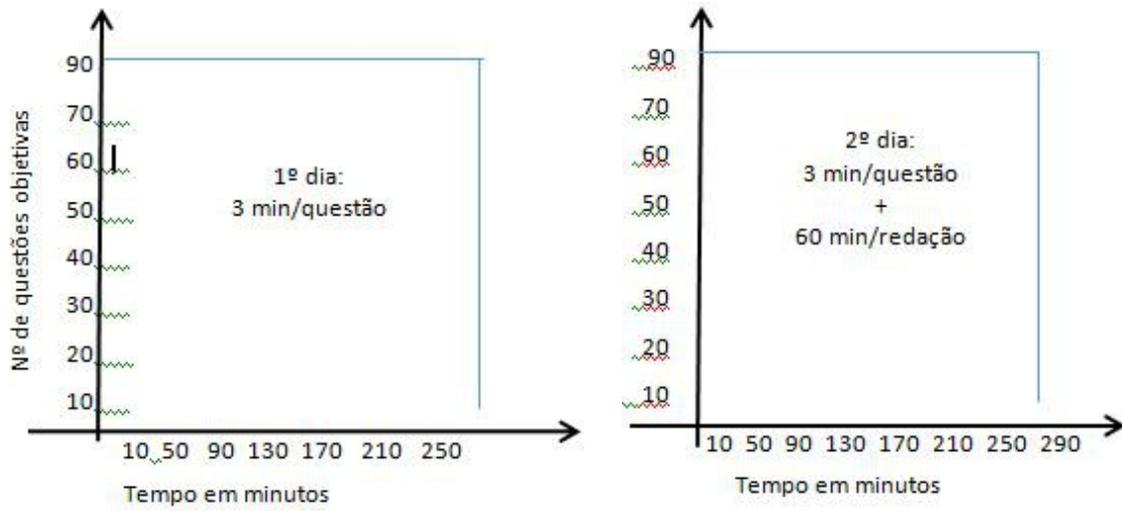


Gráfico 2: Exemplicação do tempo destinado à resolução de cada questão.

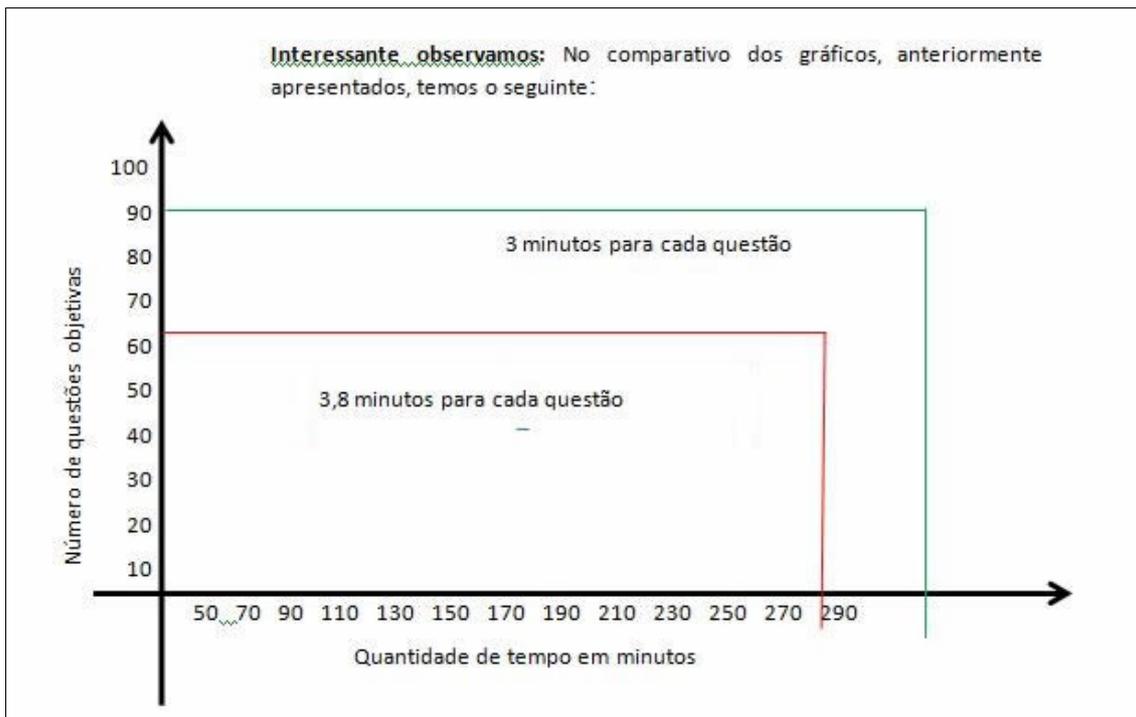


Gráfico 3: Comparativo dos gráficos 1 e 2.

Após a mudança proposta pelo INEP/MEC, em 2009, conforme exposto anteriormente, a prova passa a ser aplicada em dois dias. No primeiro, o candidato precisa resolver 90 questões objetivas dentro do tempo limite de 4 horas e meia. Já no segundo dia, 90 questões objetivas, juntamente com a redação, num tempo limite de 5 horas e meia. Assim, o candidato possui o seguinte tempo disponível para cada questão, conforme dispõem os gráficos anteriores:

Ao analisar os gráficos apresentados, verifica-se que, na primeira tabela, o candidato tinha um tempo limite de 3,8 minutos para a realização de cada questão objetiva e mais um saldo de 1 hora (60 min) para a produção da redação. Entretanto, após a alteração pela Portaria nº 109/2009 MEC, o candidato terá, no primeiro dia de prova, um tempo exato de três minutos para cada questão objetiva. Já no segundo dia, o candidato terá como melhor alternativa, optar por resolver a prova objetiva em 3h e meia (3 minutos para cada questão objetiva), e assim, obterá um saldo de 1 hora para escrever sua redação.

Diante do exposto e analisando os dois demonstrativos (tabela 1 e 2), percebe-se que, quando se fala do fator tempo, não há uma diferença exorbitante entre elas que possa causar perturbação/perplexidade em relação à diferença de tempo destinado a cada questão. O que se percebe é que essa diminuta diferença temporal entre o tempo expresso nas tabelas não é algo decisivo, mas contribui significativamente para que o sujeito-aluno, em situação de avaliação, responda as questões e ainda produza sua dissertação de maneira automatizada/mecanizada. Por outro lado, ao passo que ocorre um decréscimo no tempo destinado às questões, ocorre também um aumento demasiado das questões objetivas. Portanto, os fatores *tempo* e *quantidade* são aqui considerados pontos fundamentais no que diz respeito à desestabilização desse sistema complexo. Contabilizando, nota-se que o aumento é de 80 minutos de prova (1h e 20 min), ao passo que são acrescidas 54 questões objetivas.

Os tempos estimados nas tabelas são projeções feitas pelo INEP acerca do tempo que o candidato gasta para realizar cada questão. Ou seja, se as questões não forem feitas no tempo estimado, o candidato não consegue resolver a prova, isto é, terá que deixar questões em branco ou usar o método “*chutômetro*”. Nota-se que não se considera o tempo de cada candidato, por isso tal estimativa aqui apresentada merece reflexão.

Por outro lado, a partir dos resultados midiáticos, dispostos graficamente e/ou numericamente, sobre o ensino no Brasil, a partir do Enem é possível perceber que há enormes lacunas a serem pesquisadas e analisadas para serem preenchidas, uma vez que diz respeito às dificuldades dos alunos em relação à produção escrita e, com ela, às competências e habilidades exigidas no Exame Nacional. Tudo isso reflete e remete-nos automaticamente à Escola como espaço político-educacional, formadora de cidadãos e instruída por uma voz: o Estado.

Dado o exemplo quantitativo de tempo, tomamos o ponto de vista de Mason. Para o teórico e linguista, *a teoria da complexidade existe no olho do observador*, isto é, depende do ponto de vista. Partindo desse pressuposto, consideramos o caos como o lugar da turbulência, da complexidade, e, portanto, podemos dizer que o processo avaliativo do ENEM é um sistema de avaliação complexo, uma vez que há uma ordem que tende à desordem. E mais, ele (o Exame) está/é da ordem da turbulência.

Partindo da suposição de que o candidato está inscrito em um sistema de avaliação e, portanto, coibido e regulado por normas, então, durante a realização da prova, este sujeito submete-se à vulnerabilidade de uma instabilização e/ou bifurcação entre o tempo e a realização completa da prova. Isto gera um lugar de instabilidade e/ou imprevisibilidade; um campo de incertezas das/nas respostas. Portanto, os participantes precisam se *adaptar* ao sistema da prova ao tempo que têm disponível.

O ENEM, segundo o MEC, é um instrumento de acreditação/inclusão dos alunos no Ensino Superior. Por outro lado, vemos que o termo *inclusão* é desestabilizado no seu sentido amplo de **incluir, abarcar, abranger, compreender**, uma vez que, neste caso, há outra categoria denominada *exclusão*, que “elimina” aquele candidato que não automatizou seu “dispositivo” de leitura/interpretação/resposta, uma vez que devido ao fator **tempo**, as assertivas estão condicionadas à tal sujeição. Nota-se com isso que, de fato, não há tempo disponível para pensar e/ou refletir acerca dos dados dispostos, o que nos leva à interpretação dos fatos. Com disso, podemos pensar que diante dessa turbulência/desordem necessita-se de uma automatização em relação à leitura, compreensão e produção textual.

Nesse contexto, a prova do Enem gira em torno de questões, que são (ou deveriam ser) conteúdos e discussões pertencentes ao currículo do ensino médio; entretanto, é evidente que isso não acontece, ou seja, a escola não forma cidadãos civilizados, político-sociais e críticos. Formam-se alunos categorizados para o mercado de trabalho e para o vestibular, apenas. Diante dessas questões e/ou situações impostas no Exame Nacional, o aluno muitas vezes se vê mobilizado a construir um conjunto de competências e habilidades que são propostas, na tentativa de buscar possíveis respostas ou soluções às situações-problema apenas para o determinado momento. Neste sentido, diferente de outros processos avaliativos, percebe-se que no ENEM o aluno é convocado a pensar e a colocar seus conceitos em prática, posicionando-se de maneira crítica e conforme o Estado. Por isso mesmo não faz sentido a escola formar cidadãos categorizados.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O que propomos aqui de considerações finais será apenas uma provocação que suscitará reflexões e problematizações outras acerca da proposição deste trabalho.

Trazendo de volta nosso objetivo principal nesta escrita, qual seja o de analisar o fator tempo nas questões objetivas do Exame Nacional, bem como a complexidade discursiva em se produzir/dissertar uma redação em tempo limite, observamos, a partir da análise dos gráficos, que a automatização nas respostas desse sujeito-aluno em situação de avaliação, leva-nos a compreender que tal política do Exame ainda é “falha” no sentido de **NÃO** ser uma política voltada para a questão da **INCLUSÃO**, uma vez que tal Programa tem como o objetivo principal o ingresso de alunos no Ensino Superior. E a proposta atual de avaliação do referido Exame nos mostra que tal objetivo faz o papel inverso, conforme pode ser observado nas análises dos gráficos 1 e 2 e, posteriormente, 3.

Nesse sentido, pensar o ENEM como um processo avaliativo, e dada sua complexidade nas questões objetivas e redação, bem como em termos de língua, é reconhecer a competência discursiva nas atividades de leitura e escrita, pois escrever um texto é uma atividade que requer informações, isto é, conhecimento acerca da temática com a qual se dissertará a redação.

Para finalizar, retomemos o fator **tempo** no Exame Nacional. A leitura no ENEM não se reduz ao reconhecimento das palavras apenas. Isso nos faz reconhecer que na língua nada é evidente e que é preciso ir além e buscar um lugar de interpretação a tudo o que diz respeito à linguagem. Em outras palavras, é necessário **interpretar**.

Para responder a questões objetivas complexas e escrever uma redação, na qual é validado um discurso eminentemente político-social e junto a isso a capacidade crítico-reflexiva do candidato, é preciso repensar sobre o fator tempo, uma vez que as redações do Enem sempre direcionam o participante a se posicionar discursivamente sobre temas de cunho político e social. Isso revela a necessidade de um repertório de leitura e **TEMPO** suficiente para discursar sobre determinada temática/assunto.

Em resumo, acreditando que não há possibilidade de pôr um fim à problemática, este trabalho foi apenas uma provocação que provocará inúmeras outras reflexões e problematizações acerca daquilo que a Escola, como instituição legítima, precisa desenvolver como processo formativo em língua escrita, que não se feche em regras gramaticais e discursos atravessados por uma memória discursiva literal e esvaziada de sentidos. Finalizamos aqui este trabalho certos de que esta *pesquisa não se encerra em poucas linhas, mas prolonga-se a partir das problematizações* propostas, abrindo outros questionamentos que se somam àqueles que nos serviram de problemas de pesquisa.

REFERÊNCIAS

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **PORTARIA Nº 109, DE 27 DE MAIO DE 2009**. (Publicada no DOU de 8-6-2009).

GLEICK, J. **Caos: a criação de uma nova ciência**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

LEAL, Amilton Flávio Coleta. **A escrita dos alunos nas provas do Enem: os sentidos da resistência**. Monografia [Graduação] 50f. Departamento de Letras. UNEMAT/Cáceres, 2011.

MARTINS, José Júlio. (UFC/CE). **Teoria da complexidade: uma nova visão de mundo para a estratégia**. IN: I EBEC – PUC/PR – Curitiba, PR, Brasil, 11,12 e 13 de julho de 2005.

RAJAGOPALAN, K. **Repensar o papel da Linguística Aplicada**. In: MOITA LOPES, L.P. (org.) Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. Pg. 149-168.

SILVA, Valdir. **A dinâmica caleidoscópica do processo de aprendizagem colaborativa no contexto virtual [manuscrito]: um estudo na perspectiva da complexidade/caos**. Tese [Doutorado] 237f. Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

VIEIRA, Roberta da Costa. **Novos rumos para a Linguística Aplicada Contemporânea** (artigo). IN: Revista Odisseia, n. 3, (2009) Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL/UFRN) Disponível em: <http://ufrn.emnuvens.com.br/odisseia/article/view/2052/1486>

Valdir SILVA

Graduado em Letras (Português/Inglês) pela Universidade do Estado de Mato Grosso (1990) - UNEMAT, campus de Cáceres. Professor efetivo do Curso de Letras, campus de Cáceres, na área de Língua Inglesa. Mestre em Linguística Aplicada pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/UNICAMP, 2003) e Doutor em Linguística Aplicada pela Faculdade de Letras (FALE/UFMG, 2008). Integra o quadro de professores permanentes do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UNEMAT, na área da Linguística Aplicada. Participa do Núcleo de Pesquisa em Linguagem e Tecnologia do Centro de Estudos e Pesquisas em Linguagem (CEPEL/UNEMAT) e do GT Linguagem e Tecnologia da ANPOLL. Lidera o Grupo de Pesquisa/CNPq Linguagem, Tecnologia e Contemporaneidade em Linguística Aplicada (LINTECLA)

Amilton FLÁVIO

Possui Graduação em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT (2011). Foi Bolsista Voluntário de Iniciação Científica (IC) pela mesma Universidade no período de 01/04/2009 à 31/03/2011, atuando principalmente no seguinte tema: Escrita, Discurso, Enem. Atualmente, é Mestrando do Programa de Pós Graduação Stricto-Sensu em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso.

Cristiane Pereira dos SANTOS

Possui Graduação em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso -UNEMAT (2011). Foi bolsista de Iniciação Científica com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso-FAPEMAT (2010-2011). Atuou como professora de Língua Portuguesa na Escola Estadual Benedito Cesário da Cruz (/2011/ 2012) e Escola Estadual Boa Vista (2012). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Análise de Discurso, atuando principalmente nos seguintes temas: Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), Escola e Ensino de Língua Portuguesa , Escrita dos alunos do Ensino Médio. Atualmente, é Mestranda no Programa de Pós Graduação em Linguística da UNEMAT.